

# A Disputa de Amor e Loucura, segundo Louise Labé

Imaculada Kangussu\*<sup>1</sup>

*L'Amour!*

*Partout l'Amour se venge d'être esclave*  
Marceline Desbordes-Valmore

## Particular: sobre amor e mulheres no Renascimento

Parece indiscutível que a marca intelectual típica do Renascimento foi considerar o homem como o maior milagre do Universo. Traço determinante da época, que encontra expressão no chamado “humanismo”. Ainda assim, quando não a tratava como um gênero inferior, a literatura Renascentista costumava idealizar a mulher, cujos “dons naturais” faziam-na ser considerada como portadora de uma espécie de beleza a ser adorada. Existiram algumas perspectivas ligeiramente mais progressistas, que merecem ser destacadas, como a do humanista veneziano Pietro Bembo, que, em *Epistolorum* (1582), recomendou às meninas que aprendessem o latim para ficarem “ainda mais charmosas”<sup>2</sup>, a do místico Cornelius Agrippa e a de François Billon. No tratado *De la noblesse et préexcellence du sexe féminin*, Agrippa evidenciou as potências femininas com base em argumentos filológicos extraídos da Cabala e de textos Bíblicos: Eva seria mais perfeita porque foi criada depois de Adão. A obra, cujas intenções são melhores do que os argumentos, foi traduzida em todas as línguas européias, a tradução francesa data de 1537, e alcançou um sucesso considerável e duradouro.<sup>3</sup> De François Billon pouco se sabe, exceto que ele acompanhava o cardeal Jean du Bellay, na condição de secretário, e que compôs a obra *Le fort inexpugnable de l'honneur du sexe féminin*, que o fez conhecido. No livro, publicado em Paris (1555), estão listadas as mulheres que “honraram” seu sexo, Pernette du Guillet, Marguerite de Navarre e Louise Labé entre elas, e os homens que as defenderam: Agrippa e os poetas da Plêiade, dentre outros. Apaixonado pela causa, Billon considerava as características inerentes a uma mulher feiticeira como qualidades a seu favor.<sup>4</sup>

São, entretanto, posições isoladas: os processos contra a feiticeira e a caça às feiticeiras foram ampliados durante o século XVI, quando a “demonolatria” conquistou até os “bons espíritos”<sup>5</sup>. A atitude masculina diante das mulheres, na Renascença, foi marcada pela ambivalência, oscilando entre premissas emancipatórias e perspectivas aprisionadoras,

\* Professora-adjunta no Departamento de Filosofia da UFOP. Email: kangussu@eml.cc.

<sup>1</sup> Esta é uma versão ampliada da palestra proferida no II Colóquio Internacional “As Mulheres e a Filosofia”, na Unisinos, em 2003. O texto faz parte da pesquisa sobre “Discursos eróticos, em perspectiva filosófica”.

<sup>2</sup> FORTUNA, Felipe. Prefácio. In: LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.21. Voltarei a falar de Bembo.

<sup>3</sup> ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français Du Moyen Âge à nous Jours*. Tome I, p.131.

<sup>4</sup> Cf. FORTUNA, Felipe. Prefácio. In: LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.22; e ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.148.

<sup>5</sup> ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.102.

com evidente preponderância das últimas. É notável a ruidosa disputa surgida na França, em meados do século XVI, conhecida como *Querelles des Femmes*, e registrada por Rabelais – antifeminista convicto, que ridicularizou Agrippa transformando-o em “Herr Trippa” (no Terceiro Livro das *Oeuvres complètes*, 1546). O sentido final das *querelles* era denegrir as mulheres, a questão de fundo era mostrar que nós não poderíamos assumir responsabilidades, no mundo iluminado, por não sermos seres confiáveis. “*Varium et mutabile semper feminina*”, o conhecido verso de Virgílio foi glosado por Petrarca: “*feminina cosa mobil per natura*”, e, também, por Camões: “Nunca ponha ninguém sua esperança/ Em peito feminil, que, de natura/ Somente em ser mutável tem firmeza”.<sup>6</sup>

Desse modo, no Renascimento, ainda que algumas damas da nobreza e da burguesia mais rica transitassem pelo mundo das ciências e das artes sem muitos constrangimentos, o período foi pobre em textos escritos por mulheres. Dentre as poucas exceções destaca-se Marguerite d’Angleterre, mais tarde rainha de Navarra, autora do *Heptameron*, texto inspirado no *Decameron* de Boccaccio, composto por 72 histórias eróticas narradas durante 8 dias. Seguindo a tendência presente no humanismo renascentista de entrelaçar razão, teologia e neo-platonismo, a obra apresenta o amor como forma de elevação, como aspiração ao divino. O livro foi considerado por Montaigne “muito agradável em seu gênero.”<sup>7</sup> Ambíguo, essencialmente ligado ao ideal cavalheiresco e à fraternidade viril, se por um lado, o cético filósofo foi leitor atento de Marguerite de Navarra e a citou em passagens de seus *Ensaïos*, por outro lado, condenou o estudo às mulheres, abrindo exceção apenas à poesia, à história e à filosofia.<sup>8</sup> Curiosamente, e contra sua própria posição, Montaigne considerou que “têm razão as mulheres quando se recusam a acatar as regras de conduta estabelecidas pela sociedade, tanto mais quanto foram feitas pelos homens que não as ouviram a respeito”.<sup>9</sup> É, nos últimos anos de sua vida, conforme salienta Felipe Fortuna, “o maior escritor da Renascença rendera-se à maior feminista do século seguinte, num desfecho irônico que sua serenidade jamais previu”.<sup>47</sup> A referência é à paixão, mais do que intelectual, do filósofo por Marie de Gournay le Jars, notável feminista do século XVII. “É só ela que me interessa hoje no mundo”, pode-se ler nos *Ensaïos*.<sup>10</sup> As ambigüidades presentes na obra de Montaigne foram comuns na Renascença.

Na França do século XVI, o sopro renascentista chegou a Lyon, cruzamento europeu freqüentado por mercadores florentinos e genoveses, associando instinto e gênio para o comércio com nobre gosto pelas artes e letras. Surge uma efervescência cultural da qual participa Louise Labé, em cujo salão se tocava música, lia versos e conversava sobre arte e ciência, em companhia de Pernette du Guillet, Maurice Scève, dentre outros.

### **Singular: Um pouco da provável história da vida de Louise Labé**

Nascida, supõe-se, em 1522, Louise Labé aprendeu a ler, a escrever, a bordar e a arte da esgrima. Casou-se, em 1544, com um homem 32 anos mais velho que ela, *mariage de raison*. Rica, estudiosa – conhecia

<sup>6</sup> Cf. FORTUNA, Felipe. Nota 21 em LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.218.

<sup>7</sup> MONTAIGNE. *Ensaïos*, III, 11, p.202. Montaigne escreve: “como diz a Rainha de Navarra em um conto de seu *Heptameron*”, não considera “excessivamente difícil passar noites inteiras com calma e tranqüilidade, ao lado da mulher desejada durante longo tempo, cumprindo a promessa feita de nos contentarmos simplesmente com beijos e presença palpável”. *Ibidem*.

<sup>8</sup> O argumento é o seguinte: “Quando as vejo preocuparem-se com a retórica, o direito, a lógica e outras drogas semelhantes, vãs e inúteis, ponho-me a pensar que quem as aconselha o faz sem dúvida para dominá-las. Como explicá-lo de outro modo? Que se contentem com se exprimir pelo olhar gracioso, a alegria, a severidade, a ternura; que saibam temperar um ‘não’ com rudeza ou esperança; que se satisfaçam com entender sem intérpretes as lisonjas de seus admiradores. Uma tal ciência já basta para que conduzam pelo nariz os professores e seus discípulos. Se apesar de tudo não

se conformarem com nos ceder quaisquer vantagens e quiserem buscar distração igualmente nos livros, escolham a poesia, que é passatempo apropriado a suas necessidades, pois trata-se de uma arte sutil e espirituosa em que tudo se apresenta fantasiado, em que domina a intenção de agradar e impressionar, como no que elas próprias fazem. A História também pode fornecer-lhes temas interessantes. Quanto à Filosofia, poderão aprender com ela a maneira de julgar nosso humor e nosso temperamento, de se defender contra nossas traições, de dominar seus próprios desejos, de preservar sua liberdade, de prolongar os prazeres da vida, de suportar humanamente a inconstância do amante, a grosseria do marido, a tristeza da idade e coisas que tais. Eis tudo o que lhes concederia em matéria de estudo.” MONTAINE, *Ensaio*, III, 3, p.376.

<sup>9</sup> MONTAIGNE. *Ensaio* III, 5, p.390.

<sup>10</sup> FORTUNA, Felipe. LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.28.

<sup>11</sup> MONTAIGNE. *Ensaio* II, 17, p.304. Na seqüência, encontra-se: “essa alma será um dia capaz das mais belas coisas, entre outras, a de atingir, na amizade, uma perfeição ainda não alcançada por pessoas de seu sexo. A sinceridade e a firmeza de seu caráter já se elevaram bem alto; sua afeição por mim que ultrapassa tudo

o latim, o grego e o italiano – e independente, tornou-se um acontecimento em Lyon. Além de poeta e música, parece ter participado, segundo a lenda, do cerco a Perpignan (1542), disfarçada de Captain Loys. Superou os limites políticos e morais, e também certa frieza platônica, que aparecem nos textos de Marguerite de Navarra e de Pernette du Guillet, julga Felipe Fortuna, em seu instigante comentário sobre a autora: Labé “suspirou de amor como quase todos os poetas da época, mas esses suspiros não foram idealizados.”<sup>11</sup> Audaz, a poeta revela em seus versos:

Reclamas? Mas o teu mal se festeja  
Com mais de dez beijos meus deliciosos.  
E ao misturar os beijos fervorosos  
Os dois gozemos o que em nós chameja.<sup>12</sup>

Nascida Charly, Charlin ou Charlieu, Louise adota como nome artístico – “*son non de plume*” – o apelido de seu pai, cordoeiro instalado na Rua da Árvore Seca, *Rue de l’Arbre Séc. L’Abbé*, na forma mais antiga, depois *Labbé* e, por fim, *Labé*. Da cordoaria, comércio voltado ao fornecimento de cordas, cabos e outros objetos essenciais à navegação, Louise herdou, além da capacidade de modular os acordes da lira em cantos capazes de despertar o agulhão do amor, o apelido “la Belle Cordière”<sup>13</sup>.

Em 1549, aos 27 anos, a bela cordoeira escreveu o texto, que pode ser incluído entre os diálogos eróticos marcantes de sua época, onde o amor aparece em uma perspectiva bastante distinta daquela dos diálogos escritos por homens, nos quais predomina o neoplatonismo (às vezes mais platônico que o próprio Platão) da Renascença. E, em 13 de maio de 1555, pediu ao rei o “*privilege d’édition*” para imprimir sua obra, que foi publicada neste mesmo ano, com o título de *Euvres*, de Louise Labé Lionnoize. Esta sua única obra é composta de um diálogo em prosa (*Débat de la Folie et d’Amour*), 3 elegias e 24 sonetos, toda ela em francês, exceto o primeiro, que foi escrito em italiano. O sucesso alcançado pode ser medido pelo aparecimento das segunda, terceira e quarta edições já no ano seguinte. Houve também forte rejeição às ousadias da lionesa. Em 1557, foi difundida uma canção anônima, fescenina e difamante, criticando seus costumes, depois publicada em um pequeno escrito denominado *Documents historique sur la vie et les mœurs de Louise Labé* (1844).<sup>14</sup> Dentre os admiradores da autora, destaco Olivier de Magny, que em versos ardorosos se diz apaixonado por uma certa “Loyse” (*Odes*, 1559)<sup>15</sup>. De Voltaire, ela recebeu rasgados elogios: “A mais linda entre as modernas [fábulas, ik] é a da Loucura que, tendo furado os olhos do Amor, é condenada a lhe servir de guia”, pode-se ler no *Dictionnaire Philosophique*, no verbete “*Fable*”, com a nota 43, que remete ao *Débat de la Folie et d’Amour*. Louise Labé foi considerada “grande artista da elegia erótica” e “precursora do classicismo de Racine”, por Carpeaux. Ela “não era uma aristocrata desgraçada, porque se entregara a um amante indigno; era uma burguesa rica, uma ‘dama’.”<sup>16</sup> Recebeu também breves elogios de Beckett.<sup>17</sup> A poeta foi louvada em versos por Louis Aragon, na já citada “Planta para o quarto centenário de um amor”, e por Mar-

celine Desbordes-Valmore, na “Elegia - Loise Labé”: “E você canta o Amor! Essa foi a sua destinação./ Mulher! E bela, e inocente, e de um mundo assombroso”.<sup>18</sup> Arrebatado por Louise, Saint-Beuve a chamou de “ninfa ardente do Rhône”, “Sapho do século XVI”, e a comparou à própria Mme. Valmore: “são elas clássicas? São românticas? Elas não o sabem bem, elas sentiram, cantaram, floresceram nos seus dias; só se pode encontrá-las em suas próprias veredas e sobre suas estirpes. A outros a discussão e as teorias! A outros a arena.”<sup>19</sup> O mesmo autor exorta:

Rápido, apressemo-nos e voltemos a um desses poetas que não têm necessidade de serem reabilitados nem reconstruídos através de grande esforço [...] simplesmente porque eles têm em si e porque eles colocaram em suas obras uma centelha desta flama que faz viver: *Vivunt com issi calores...*<sup>20</sup>

De fato, a voz de Louise Labé não se identifica com a de nenhum outro autor, ela impõe uma chave de leitura que é toda própria. Seu estilo é mais poético que filosófico, próximo ao delírio, e adota um tom oracular, sagrado, acima do humano. O Amor é *fascinatio*, enfeitiçamento, fâisca de Loucura. O argumento da *Disputa de Loucura e de Amor* é tão interessante que, mais de um século após sua publicação, La Fontaine o versificou e o apresentou como fábula, sob o nome de *L'Amour et la Folie*.<sup>21</sup> Em 1966, seus textos entraram nos manuais escolares franceses. Contudo, a recepção à obra de Labé foi bastante ambivalente, não só em sua própria época, mas mesmo por parte de feministas como Simone de Beauvoir, que a considerou uma cortesã. “No século XVI as mulheres são ainda pouco instruídas”, salienta aristocraticamente a feminista francesa, “dentre as que se distinguiram por seu espírito, sua influência intelectual, seus escritos, a maior parte eram grandes damas: a duquesa de Retz, Mme. De Lignerolle, a duquesa de Rohan e sua filha Anne; as mais célebres eram princesas: a rainha Margot e Marguerite de Navarre. Pernette du Guillet parece ter sido uma burguesa; mas Louise Labé foi sem dúvida uma cortesã.”<sup>22</sup> Denominação equivocada, mas ainda assim mais polida que a de Calvino, que a chamou de *plebeia meretrix*.<sup>23</sup> Segundo Saint-Beuve, Calvino também abusa da lembrança da aventura em Perpignan para supor que Louise costumava vestir-se de homem.<sup>24</sup> “Na *Bibliothèque Française*, de Du Verdier, e no *Dictionnaire*, de Bayle, vê-se Louise Labé asperamente designada pela qualificação de *cortesã lionesa*.”<sup>25</sup> Cabe lembrar a significativa tríade das qualidades femininas, beleza-inteligência-virtude, presente na mentalidade da época: como a escritora “é bela, instruída, ativa, [logo, ik] é uma cortesã, sua virtude é colocada em dúvida”.<sup>26</sup> Sem querer justificar tais equívocos, uma vez que a própria dama não revelava preocupações relativas a sua reputação, o sabido é que Louise circulou livremente nas cortes de seu tempo e gozou de grande liberdade de costumes, que se refletiu em seus envoltimentos amorosos. Dentre seus entusiasmados amores, destaca-se um possível *affair* com Henrique II, rei da Inglaterra. Contra as censuras que lhe foram dirigidas, em seu último soneto sugeriu às Damas que a criticavam que também se entregassem ao amor:

o que eu poderia ambicionar, é de tal ordem, que não tenho em suma nada a desejar, senão vê-la menos apreensiva ante a possibilidade de minha morte, pois me conheceu quando eu já ia pelos cinqüenta e cinco. A apreciação que essa mulher, jovem e solitária na sua província, fez de meus primeiros ensaios, o entusiasmo notável com que se tomou de amizade por mim [...] são particularmente dignas de apreço.” *Ibidem*.

<sup>12</sup> FORTUNA, Felipe. Prefácio. In: LABÉ, Louise Labé: Loucura e Amor, p.14. Fortuna considera Labé herdeira de Christine Pisan, autora de *La cité des dames*, alegoria acerca da sexualidade feminina. Os dados biográficos que apresento podem ser encontrados na obra citada, em SAINT-BEUVE, “Louise Labé”, em *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.161-219; e na internet, no site [www2.ac-lyon.fr/enseigne/lettres/louise/](http://www2.ac-lyon.fr/enseigne/lettres/louise/).

<sup>13</sup> “Las, te plains tu? Ça que ce mal j'apaise, /En t'en donnant dix autres doucereus. /Ainsi meslans nos baisers tant hereus/ Jouissons nous l'un de l'autre à notre aise.” LABÉ, Louise Labé: Loucura e Amor, p.203-204.

Não censureis, Damas, se tenho amado:  
 Ou se senti mil tochas abrasantes,  
 Fadigas mil, mil dores penetrantes.  
 Se por chorar vi meu tempo esgotado,

Ah! Que meu nome não seja acusado.  
 Se eu falhei, sofro as penas atuantes,  
 Não aguceis os ferrões acirrantes:  
 Pensai que Amor, quando tiver chegado,

Sem vosso ardor de um Vulcano escusar  
 Sem a beleza de Adonis usar,  
 Vos tornará talvez mais amorosas.

Mesmo com menos do que tive então,  
 Será estranha e forte essa paixão.  
 E não sejais portanto desditosas.<sup>27</sup>

<sup>14</sup> “*Quel étrange nom la Belle Cordière/ Sa bouche est rouge et son corps enfantin/ Elle était blanche ainsi que le matin/ Lyon Lyon n’écoute pas la Saône/ Trop de noyés sont assis au festin/ Ah que ces eaux sont boueuses et jaunes/ Comment pourrais-je y lire mon destin/ Je chanterai cet amour de Loyse/ Qui fut soldat comme Jeanne à seize ans/ Dans ce décor qu’un regard dépayse/ Qui défera ses cheveux alezan /Elle avait peur que la nuit fût trop claire/ Elle avait peur que le vin fût grisant/ Elle avait peur surtout de lui déplaire/ Sur la colline où fuyaient les faisans/ N’aimes tu pas le velours des mensonges/ Il est des fleus que l’on appelle pensées*”. Fragmento do poema de Louis ARAGON, “Plainte pour le quatrième centenaire d’un amour”. Nos últimos versos citados, o poeta pergunta: “Não ama você o veludo das mentiras? Ele é as flores as quais se chamam pensamentos”.

<sup>15</sup> Cf. SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.189.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. v. 2, p.340.

<sup>18</sup> BECKETT, Samuel. *Dreams of Fair to Middling Women*, p.135.

<sup>19</sup> “*Et tu chantas l’Amour! Ce fut ta destinée./ Femme! Et belle, et naïve, et du monde étonnée!*”. VALMORE, em SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.192.

Ligando à perspectiva feminina as qualidades de excelente escritora e de fértil filósofa – cujo pensamento é fundamentado no amor e na liberdade –, Louise Labé ocupou um espaço que era considerado masculino. Seus desejos escaparam ao silêncio e ganharam expressões apaixonadas. E parece também ter se sentido perfeitamente à vontade na condição de mulher. “Louvava-se, em sua casa, não apenas a flama ardente de seus escritos, mas também a qualidade de seus confeitos (*confiture*).”<sup>28</sup> Não se pode dizer que ela fosse propriamente feminista, mas sua vida pessoal e suas idéias sobre a condição feminina indicam que “la Belle Cordière foi uma dessas feministas abstratas e individualistas, cujo papel histórico foi servir de exemplo, mostrar que uma mulher poderia, sem decair, dedicar-se a ocupações até então reservadas aos homens”.<sup>29</sup> Sem visar precisamente à emancipação da mulher, tal como nós a entendemos, Louise Labé deu alguns passos corajosos nesta direção. Na “Epístola dedicatória” de sua obra, endereçada à amiga Clémence de Bourges, estão presentes idéias que hoje diríamos “feministas”:

Tendo chegado o tempo, Senhorita, em que as severas leis dos homens não mais impedem as mulheres de se aplicarem às ciências e ao ensino [*disciplines*], parece-me que aquelas que têm oportunidade devem empregar esta honesta liberdade que nosso sexo antigamente tanto desejou para cultivá-los; e mostrar aos homens o dano que eles nos fizeram ao nos privar do bem e da honra que daí pode advir. Se alguma de nós colocar por escrito as suas idéias, que o faça com aplicação e não desdenhe a glória, e se adorne com ela, mais do que com colares, anéis e suntuosos vestidos, que não podemos considerar verdadeiramente nossos senão quando os usamos.<sup>30</sup>

## Em trânsito: as influências

As grandes influências masculinas parecem ter sido as de Platão, de Petrarca (1304-1374) e de Bembo (1470-1547). De Platão, conservou a idéia (presente no *Fedro*) de que o objetivo do amor é a felicidade,

contra o humanismo renascentista, que acentuava a necessidade de amar o amor abstratamente e que interpretava as concepções platônicas de modo mais conservador. Também a percepção de que *eros* é irreduzível ao discurso lógico já se apresenta no *Banquete* platônico, se não como argumento, certamente como forma. As peripécias que Platão inventa antes de apresentar os diálogos revelam que há algo a dizer sobre o amor que não cabe totalmente no logos. As dificuldades de expressão que envolvem o tema se revelam formalmente no texto através das complicações criadas em torno da apresentação indireta dos discursos sobre Eros (os diálogos são recontados por um personagem tido como louco, que narra o que ouvira de um bêbado, etc...). Em outras palavras, ao invés de dizer, prosaicamente, que o objeto é difícil de ser definido, o filósofo grego cria uma cena de enevoadas indefinições antes de introduzir os discursos e também entre eles. O que no *Banquete* aparece na forma dramática transforma-se em argumento na *Disputa entre Loucura e Amor*. A alogia do Amor intuitiva por Platão é levada às últimas conseqüências por Louise Labé, conforme veremos.

De Petrarca, Labé herdou não apenas a construção formal do soneto, mas, sobretudo, o recurso ao paradoxo, aos oxímoros, ao que Carpeaux denomina “antíteses petrarquescas”<sup>31</sup>. “Eu vivo, eu morro; no fogo eu me afogo”, pode-se ler em sua obra.<sup>32</sup> Buscando expressar o inexprimível, algo maior do que o que se pode falar, a autora desdobrou a retórica do enigma. E, distintamente de Petrarca, abandonou o idealismo e dedicou-se à expressão da sensualidade, sem abandonar a idéia do poeta italiano de que estímulos externos transformam-se em impulsos para gerar a si mesma poeticamente, de que a poesia restitui o homem a si mesmo em um plano mais elevado de realidade.

*Gli Asolani*, de Bembo, publicado em 1505 e traduzido para o francês entre 1543-1545, foi influência determinante na melhor poesia do século XVI, na máxima difusão do neoplatonismo florentino, e contribuiu para espalhar o estilo de Petrarca: “a imitação não era só instintiva e sim deliberada”.<sup>33</sup> *Asolani* tornou-se “o livro da moda”, era sinal de falta de elegância não possuí-lo e de ignorância não conhecê-lo.<sup>34</sup> Texto de inspiração galante e mundana, escrito segundo as normas clássicas da controvérsia retórica, “o livro foi feito para as mulheres”.<sup>35</sup> Os protagonistas são seis jovens, Lisa, Berenice, Sabinetta, Perottino, Gismondo, Lavinello, confortavelmente instalados na vila de Asolo, que, em prosa e rima, discutem suas visões do amor. Temeroso de ser acusado de incluir mulheres em um tratado filosófico, Bembo não deixa lembrar a seus leitores que a mente das mulheres é tão boa quanto a dos homens. O escritor abriga reminiscências de Platão e de Ficino nos conceitos de Petrarca e no estilo dantesco, no *dolce stil-novo*.<sup>36</sup> A obra apresenta a diferença entre o amor “bom” e o “mau”, segundo a tradição medieval cristã e as Formas platônicas. A tentativa de colocar o Amor nas malhas da Razão é explícita no título completo da obra: *Degli Asolani di M. Pietro Bembo ne quali si ragiona d'amore*.

Para apresentar suas reflexões sobre o amor, Louise Labé também recorreu ao recurso da ficção e da forma diálogo – cuja força reside na ação do *sermo uiuens*, capaz de superar a dificuldade de se comunicar conceitualmente a experiência de limites. A palavra viva, colocada

<sup>20</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.161-163.

<sup>21</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.201.

<sup>22</sup> “*Tout est mystère dans l'amour, / Ses fleches, son carquois, son flambeau, son enfance. / Ce n'est pas l'ouvrage d'un jour / Que d'épuiser cette science.*” LA FONTAINE. “L'Amour et la Folie”, livro XII, conto XIV. In: *Fables, Contes et nouvelles*, p.302.

<sup>23</sup> BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, v.I, p.174.

<sup>24</sup> Cf. FORTUNA, Felipe. Prefácio. In: LABÉ, Louise. *Loucura e Amor*, p.13; e ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.158.

<sup>25</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.170.

<sup>26</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.165. As obras mencionadas são: DU VERDIER. *Les Bibliothèques*

Françaises. Paris: Nouvelle édition M. Rigoley de Jovigny, 1772-1773; e BAYLE. *Dictionnaire historique et critique*. Édition de Des Maizeaux, 1784.

<sup>27</sup> ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.181.

<sup>28</sup> *Ne reprenez, dames, si j'ay aymé:/ Si j'ay senti mille torches ardentes/ Mile travaux, mile douleurs mordentes:/ Si en pleurant, j'ay mon tems consumé,/ Las que mon nom n'en soit par vous blame./ si j'ay faille, les peines sont presentes/ N'aigrissez point leurs pointes violentes:/ Mais estimez qu'Amour, à point nommé,/ Sans votre ardeur d'un Vulcan excuser,/ Sans la beauté d'Adonis acuser,/ Pourra, s'il veut, plus vous render amoureuses:/ En ayant moins que moi d'occasion,/ Et plus d'estranger et forte passion./ Et gardez vous d'estre plus malheureuses* LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.215-216.

<sup>29</sup> ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.158.

<sup>30</sup> ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français*, p.160.

<sup>31</sup> LABÉ. *Louise Labé: Loucura e Amor*, p.42-43, tradução ligeiramente modificada.

<sup>32</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. v. 2, p.340.

em cena por pessoas que conversam, costuma ser mais potente, dada sua capacidade de produzir afetos, do que argumentos desencarnados. Platão, que sempre colocou suas idéias em lábios alheios, sabia disso. Quanto ao termo “*débat*”, “disputa”, pode ter sido talvez uma herança das *quaestiones disputatae* da Escolástica.

A escolha de Louise é elegante: a forma diálogo foi também usada por notáveis pensadores renascentistas para apresentar reflexões sobre o amor. Provavelmente, o mais conhecido é o *Commentarium in Convivium Platonis, De Amore* (1469), de Marsílio Ficino (1433-1499), no qual o Amor coincide com a integração do homem empírico à idéia de Deus. A mediação é a alma, *copula mundi*. A beleza é reflexo da bondade divina e o que os corpos amam é o teor divino dos outros corpos. Enquanto no *Banquete* platônico os discursos nem sempre concordam entre si e às vezes são mesmo contrários, no *De Amore* se estabelece o *consensus*, através de sólidos pontos de apoio. As cesuras do diálogo original, que narra o *Symposium* ocorrido na casa de Agatão, desapareceram em um fluxo de pensamento contínuo expresso pelos sete oradores. Ao longo dos discursos, o amor vai sendo depurado através da distinção entre amor vulgar e amor divino, e passa do corpo à alma e da alma a Deus (*Convivium*, V, 91-92). O argumento é bastante semelhante ao do *Banquete*, com a diferença – que revela outra perspectiva – de que é agora apresentado sem desvios, sem contradições, com clareza e distinção, já prenunciando o sujeito iluminista. Nos *Dialoghi d'Amore* (1501-1505, publicados em 1535), Leon Hebreu (ou Jehudah Abarbanel) retoma a idéia de Ficino do amor, concebido como desejo de fusão com a coisa amada, para afirmar que ela concerne tanto à união do ser humano com Deus quanto à união de um homem e uma mulher. Mesmo assim, no platônico diálogo travado entre Filon e Sophia, no qual ela é discípula e ele o mestre que deseja levar a conversa aos corpos, apenas intelectualmente a dama se interessa pelo professor. A dimensão material se faz mais presente na *Delfino overo del bacio*<sup>37</sup>, diálogo de Francisco Patrizi da Cherso (1529-1597), através da idéia de que os cinco sentidos participam igualmente da grandeza do amor humano – que fica entre o amor divino e o amor bestial. Tendo como tema o beijo, o filósofo considera que o mais refinado é o beijo na boca e de língua, porque permite que se experimente o humor do corpo amado e também os espíritos contidos na outra língua. Curtius ressalta que, para Patrizi, a poesia é a mais antiga e a mais refinada das artes.<sup>38</sup>

Comparada com tal *catena aurea*, Labé abandonou a retórica teológica, a idéia do *furor diuinus*, a metafísica do amor, e tratou com rigor e pontualmente do que pode ser considerado o aspecto material, fenomênico, contingente e assustadoramente obscuro, desse sentimento que os grandes homens de sua época apresentaram de modo abstrato e a serviço das agudezas do espírito. A bela cordoeira parece compartilhar o sensualismo de Agostino Nifo, que publicou justamente em Lyon o *De Amore* (1529)<sup>39</sup>, obra em que, contrapondo-se a Ficino e ao neo-platonismo renascentista, apresenta a tese de que o amor humano não é nem uma fatalidade, nem uma doença, o seu lugar é o da liberdade.<sup>40</sup> Lacunas biográficas deixam poucas informações sobre Nifo. Sabe-se que ele estudou na Universidade de Pádua, onde mais tarde

ensinou filosofia, antes de passar por Roma, Pisa e se fixar em Salermo. Apesar de não se poder afirmar que Louise Labé leu o *De Amore*, profunda identidade de abordagem pode ser percebida entre ela e o pensador italiano que contestou a divisão do amor entre físico e espiritual e a subsequente desqualificação do primeiro. No *De Amore*, retomando concepções já expressas em *De Pulchro*, Nifo separa a beleza da luz divina e abre a perspectiva de um amor que tenha por objeto o gozo da beleza humana. Assim, reabilita o prazer legitimado como um bem, ainda que não seja o Supremo Bem. A distinção que faz é entre amor humano, desejo (*cupido*) e amor bestial (*ferinus*). E em uma espetacular reviravolta, considera o ato sexual com vistas à reprodução (tradicionalmente o único permitido, porque justificado) como o elo que liga os homens aos animais, portanto *ferinus*, ao passo que o desejo de beleza, que explica a eleição da pessoa amada, é especificamente humano e desejável, uma vez que a beleza revigora o intelecto.

Feitas as aproximações, resalto a absoluta originalidade do texto de Louise Labé, *A Disputa de Loucura e de Amor* é “um excelente diálogo, elegante, espiritual”<sup>41</sup>. A argúcia da imaginação presente no argumento do diálogo levou Saint-Beuve a tentar, em vão, descobrir em que fontes sua autora teria bebido, “enquanto isso, e até nova ordem, toda a honra deste escrito engenhoso pertence a ela”<sup>42</sup>.

## Universal. Sobre Loucura e amor

*A Disputa de Loucura e de Amor* é composta por um “Argumento”, onde são apresentados os personagens que participam da *Disputa*: Loucura, Amor, Vênus, Júpiter, Apolo e Mercúrio; seguido por cinco “Discursos” que, na verdade, são diálogos. No Discurso I, convidados para um banquete no Palácio de Júpiter, Loucura e Amor chegam ao mesmo tempo. Loucura empurra Amor para conseguir entrar primeiro, o que deixa Amor furioso. Segue-se uma discussão e, incapaz de vencer Loucura com palavras, Amor retesa seu arco e atira uma flecha, da qual ela escapa ficando invisível. Para se vingar, Loucura fura os olhos de Amor e deixa-o cego.

No Discurso II, Amor, desesperado, conta suas desventuras a Vênus, sua mãe, que, no Discurso III, vai se queixar a Júpiter. Antes de se pronunciar, o deus dos deuses desejou ouvir os argumentos das duas partes. Loucura nomeia Mercúrio seu defensor e Vênus escolhe Apolo para defender seu filho. Nas defesas que serão apresentadas, Louise Labé não alude a dogmas ou a princípios religiosos, Loucura e Amor são defendidos como intensos sentimentos, livres de qualquer aspecto doutrinário. O Discurso IV é um diálogo entre Júpiter e Amor, no qual este último discorre ironicamente sobre as diferenças de expectativas existentes entre mulheres e homens. Por exemplo, Amor diz a Júpiter: “Eu sei bem que um grande Senhor se entedia ao fazer longamente a corte, que seus assuntos importantes não permitem que ele se ajuste a isso, e que as honras que ele recebe todos os dias e outros passatempos inúmeros não lhe permitem engrandecer as suas paixões, de modo a enternecer suas amigas” (*Disputa*, p.83).

No Discurso V, é apresentada a defesa que Apolo faz de Amor. O primeiro argumento visa à desqualificação de Loucura, que não se comporta como uma “mulher de bem” (*Disputa*, p.85). O segundo

<sup>33</sup> “*Je vis, je meurs: je me brûle et me noye*”. LABÉ. Louise Labé: Loucura e Amor, p.183-184.

<sup>34</sup> DIONISOTTI-CASALONE. Introduzione. In: BEMBO, Pietro. *Gli Asolani e Le Rime*, p.XXVII.

<sup>35</sup> RAFFINI, Christine. *Marcilio Ficino, Pietro Bembo, Baltasar Castiglione: Philosophical, Aesthetic, and Political Approach in Renaissance Platonism*, p.69.

<sup>36</sup> DIONISOTTI-CASALONE. Introduzione. In: BEMBO, Pietro. *Gli Asolani e Le Rime*, p.VI. O autor considera que os *Asolani* são frutos da experiência de um amor a distância, do amor de Bembo por Lucrecia Borgia. *Ibidem*, p.VIII.

<sup>37</sup> RAFFINI, Christine. *Marcilio Ficino, Pietro Bembo, Baltasar Castiglione: Philosophical, Aesthetic, and Political Approach in Renaissance Platonism*, p.71.

<sup>38</sup> Em PATRIZZI, Francesco. *Lettere ed Opuscoli Inediti*. Firenze, 1975.

argumento tenta minimizar o ataque de Amor contra ela, através da idéia de que é próprio do Amor lançar suas flechas a fim de levar as pessoas a amarem. O terceiro argumento é que, se Amor ficar condenado à cegueira e à escuridão, o Universo estará arruinado, uma vez que sua existência deve-se apenas a certas disposições amorosas. O quarto argumento é que só os loucos ficarão do lado de Loucura. E, a partir daí, a argumentação consiste na apresentação das qualidades do Amor e das misérias dos que não amam. Apolo pergunta:

Aquele que vê o homem (por virtuoso que seja) definir em sua casa, sem a amável companhia de uma mulher, que fielmente lhe administra os bens, lhe aumenta o prazer, ou que o controla docemente, com medo de que ele abuse demais de sua saúde, lhe dissipa os descontentamentos, e algumas vezes os impede de vir apaziguando-o, cuidando dele na saúde ou na doença, lhe faz ter dois corpos, quatro braços, duas almas, e ser mais perfeito do que os primeiros homens do *Banquete* de Platão [referência ao discurso de Aristófanes, ik], não confessará que o amor conjugal é digno de recomendação? E não atribuirá tal felicidade não ao matrimônio, mas sim ao amor que o mantém? Caso contrário, vereis o homem descontrolado, fugir, e abandonar sua casa. A mulher por sua vez jamais ri quando não tem amor por seu marido (*Disputa*, p.93).

Os que não sentem prazer em amar e em ser amados são considerados como “toupeiras” bizarras e grotescas, escondidas sob a terra, “são pessoas melancólicas, sem espírito, que não possuem qualquer graça”, diz Apolo, são “medrosos, avaros, impiedosos, ignorantes que não estimam ninguém: Lobisomens” (*Disputa*, p.95). E ainda: “Aquele que não cuida de agradar a alguém, por mais perfeição que possua, não obtém maior prazer do que aquele que traz uma flor na manga” (*Disputa*, p.96). Labé conhece a arte da sedução. Em uma passagem onde são apresentados os costumes da época, segundo a perspectiva da nobreza e da alta burguesia, e sem privilegiar um dos sexos em relação ao outro, Amor é considerado o inventor da moda, vista como um artifício para levar o outro a se apaixonar.

Daí se origina a agradável invenção dos vestidos novos. Pois não é desejável chegar ao fastio e ao cansaço que provêm de se ver sempre a mesma coisa. O homem tem sempre o mesmo corpo, a mesma cabeça, mesmos braços, pernas e pés: mas ele os modifica de tantas maneiras que parece estar renovado todos os dias. Camisas perfumadas de mil e um tipos, chapéu segundo a estação, calças justas e apertadas, mostrando os movimentos do corpo bem modelado, mil tipos de botinas, borzeguins, escarpins, sapatos, saíões, casacas, vestidos, capotes, capas, casacos: e tudo tão adequado que nada destoa. E o que dizer das mulheres, cujas roupas e ornamentos são feitos para agradar? Será possível pentear melhor uma cabeça do que do jeito que as Damas fazem e sempre farão? Que cuidados mantêm com o restante do rosto? Quando é belo, conservam-no

<sup>39</sup> CURTIUS. *Literatura Européia e Idade Média Latina*, p.675.

<sup>40</sup> NIFO, Agostino. *De pulchro. De Amore (De la Beauté. De l'Amour)*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

<sup>41</sup> Cf. LAURENS, Pierre. Introduction. In: *Commentarium in Convivium Platonis*, p.LXVI.

<sup>42</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*; p.182.

tão bem contra as chuvas, ventos, calor, tempo e velhice que elas permanecem quase sempre jovens [...] E por cima de tudo, a roupa elegante, como a folha em redor do fruto. E se houver alguma perfeição ou linha do corpo que possa ou deva ser vista e mostrada, bem pouco o esconderá o caimento da roupa; ou, se está escondido, que se imagine ser mais belo e delicado. O peito parece tanto mais bonito enquanto der a impressão de que não quer ser visto (*Disputa*, p.98-99).

Além da beleza existente no vestuário e nos cuidados com o corpo, também a existência da poesia, do teatro, da música e dos instrumentos musicais é atribuída a Amor. E, se ele faz tanto esforço para encantar aos olhos e aos ouvidos, ressalta Apolo, faz mais ainda pelos sentimentos, aos quais dá novo saber. O discurso termina com o pedido de que, diante dos argumentos apresentados, Júpiter faça de Amor o mais clarividente dos Deuses.

A defesa de Loucura, apresentada em seguida, é ainda mais vibrante. Mercúrio argumenta que, passado o desejo de vingança, Amor será o primeiro a lamentar a condenação de Loucura, visto que é muito antiga a aliança existente entre os dois. Todos os que já amaram, diz o mensageiro dos deuses, têm tantas lembranças da Loucura quanto do Amor. Além disso, adverte que foi Amor quem primeiro atacou Loucura, então se ela o cegou foi por culpa dele mesmo, foi em legítima defesa, e o ferimento causado deve servir de advertência para que ninguém mais se meta a provocar Loucura. Mercúrio salienta também que Loucura não é em nada inferior a Amor, pois este não existiria sem ela e sem sua ajuda. E se a disputa começou porque cada um dos oponentes queria entrar no Palácio antes do outro, a defesa é levada adiante através de uma suposta anterioridade ontológica de Loucura. No início, recorda Mercúrio, os homens não se entregavam a grandes loucuras:

Sua loucura consistia em correr um atrás do outro; subir numa árvore para ver mais longe; comer todo o fruto de uma só vez, ainda que no inverno não tivessem o que comer. Pouco a pouco, Loucura cresceu. Os mais desmiolados entre eles, ou por terem salvado dos lobos e dos animais selvagens as ovelhas de seus vizinhos e companheiros, ou por terem defendido alguém de uma ofensa, ou porque se sentiam mais fortes e mais bonitos, se fizeram coroar Reis [...] Foi a Loucura quem primeiro fez com que alguém fosse temido, e foi a loucura quem fez os outros obedecerem. A Loucura inventou toda a excelência, a magnificência e a grandeza que daí se seguiu. E, no entanto, quem existe de mais venerável entre os homens do que aqueles que comandam os outros? [...] Que pessoas tiveram por algum tempo mais reputação do que os Filósofos? (*Disputa*, p.115-116).

A prova do poder de Loucura, conclui causticamente Mercúrio, é o fato de que, dentre os homens, os mais veneráveis e venerados são justamente aqueles que assumem posições de comando. Alexan-

dre, Aristóteles, Empédocles, Diógenes são mostrados embebidos em Loucura. Ela é também responsável pelos grandes descobrimentos, pois “quem teria atravessado os mares sem ter Loucura como guia?” Além disso, “quantas profissões deixariam de existir no mundo se a Loucura fosse banida?”, pergunta Mercúrio, “de que viveriam tantos Advogados, Procuradores, Escrivães, Sargentos, Juizes, Violinistas, Atores, Perfumistas, Bordadores?” (*Disputa*, p.119). E ressalta que Loucura provoca o riso no rosto e a alegria no coração. Na contra-mão do neoplatonismo, é audaciosa a comparação entre o louco e o sábio, desenvolvida por Labé. Conforme se lê no *Débat*, condenado à incompreensão, o sábio costuma ter uma existência amesquinhada, enquanto os loucos vivem à larga: colocando-se um sábio ao lado de um louco, o último será mais estimado. Os sábios são deixados sozinhos com sua sabedoria, e os loucos elogiados por suas aventuras alucinadas. As coisas sábias são sérias e, se nos causam primeiramente admiração, depois nos aborrecem e não produzem tanto prazer quanto a companhia de jovens arrebatados e inconseqüentes, pois, só de vê-los, o espírito já se sente animado. “O sábio será abandonado sobre seus livros, a comentar com algumas matronas a depravação dos costumes, as doenças que circulam, alguma longa genealogia. As jovens Damas não ficarão quietas enquanto não tiverem a companhia de alegre e jovem cérebro” (*Disputa*, p.123). Comparados os dois, o sábio será louvado e o louco considerado melhor companhia. E os próprios sábios pensam assim, atesta Mercúrio, e mal conseguem dissimular o prazer que lhes provoca a companhia dos loucos. “Para cada homem sábio, do qual se falará no mundo, haverá dez mil loucos estimados pelo povo” (*Disputa*, p.118-119).

Enquanto o Amor dá prazer a duas pessoas, os prazeres provocados pela Loucura são ilimitados. São loucas as fábulas contidas nas comédias e também as contidas nas tragédias, explica Mercúrio, foi Loucura quem construiu teatros magníficos, para testemunhar com que tipo de loucura se divertia cada povo em seu tempo. E também povoou planícies, secou lagos, construiu pontes, fez colossos de pedra, arcos do triunfo, e pirâmides, que levam os homens a se desviarem de seus caminhos e a viajarem pelo simples prazer de contemplá-los. Loucura desperta o espírito e o faz cantar e dançar. “Sem esta boa Dama”, observa Mercúrio, “o homem se consumiria e ficaria pesado, desagradável e melancólico. Mas Loucura lhe desperta o espírito e o faz cantar, dançar, saltar, vestir-se de mil novas maneiras, que mudam de meio em meio ano” (*Disputa*, p.123). O que significa que é Loucura a responsável pela moda. E, mais ainda, pelo próprio Amor. Louise Labé escreve que jamais houve amor sem Loucura, que as flechas por ele disparadas só atingirão os corações onde Loucura houver se instalado, que o nascimento do Amor é algo completamente desprovido de sentido. A pedra de toque do argumento é a idéia de que a loucura é parte intrínseca do ser humano, e é nessa parte que se aloja o amor – em contraposição evidente aos humanistas neoplatônicos da Renascença, que concebiam o Amor como *anima mundi*, em um sistema racional totalizante, onde o irracional e a loucura eram o próprio mal a ser extirpado. Ao descrever a idéia de loucura no imaginário renascentista, Foucault utiliza o

texto de Labé e analisa a ambigüidade da relação entre loucura e razão, que reside em saber qual das duas tornava a outra possível. “A loucura fascina porque ela é saber.”<sup>43</sup> Parecem-me evidentes os ecos do *Elogio da Loucura* (1509), de Erasmo, apesar de neste livro não se vislumbrar nenhuma nova atitude em relação ao gênero feminino. Ao contrário, ao terminar o elogio de si mesma, Loucura diz: “se achais em meu discurso muita petulância e loquacidade, considerai que sou Loucura e que falei como mulher”.<sup>44</sup> Mas a obra formula dois pontos essenciais ao argumento de Labé: a idéia de que há algum teor de loucura no motor de toda ação humana, e a percepção de que a loucura é mais divertida e, por isso, capaz de mover o ânimo com mais facilidade. Em seu auto-elogio, a Loucura fala que basta ela aparecer que as fisionomias se transformam: “O que os retóricos, aliás consideráveis, não obtêm com seus discursos, senão com grande esforço preparatório, isto é, expulsar das almas o tédio, tenho apenas que me mostrar para consegui-lo”.<sup>45</sup> Se isto é ser louca, arremata a Dama, “convém-me às mil maravilhas”.<sup>46</sup> Na *Disputa*, Louise Labé defendeu Amor, e muito mais fortemente, Loucura – que ganha o lugar de honra. Não mostrou apenas que todo amor é, em maior ou menor grau, amor louco, mas também que esse entrelaçamento não podia ser considerado como uma “culpa” do amor, uma vez que há sempre algum teor de loucura na origem de tudo o que é humano. O que é absolutamente original, já que o que estava em jogo nos outros diálogos eróticos da época (excluo o de Nifo) era separar o joio do trigo, o racional do irracional, no âmago do sentimento amoroso com o intuito de descartar o que escapasse à razão. “Nunca existiu Amor sem Loucura”, atesta Labé, “é impossível que seja de outra forma” (*Disputa*, p.135).

A obra é rica de informações sobre os costumes da época e, no que diz respeito às técnicas de sedução, é um documento crítico, histórico e social. A autora descreve, irônica e zombeteiramente, os esforços masculinos para se aproximarem do ser amado, é lúcida e fascinante sua crítica aos gestos que se pretendem conquistadores. Depois de ridicularizar feitiços, subornos, sinais cabalísticos e outras estratégias exteriores, Mercúrio diz que “o maior encantamento que existe para ser amado é amar [...] para se fazer amar, é preciso ser amável” (*Disputa*, p.137). E ser amável na medida daquela a quem se ama, a quem se quer agradar. Transformar-se para se adequar a outra pessoa parece algo irracional, o que está em perfeito acordo com o verdadeiro amor, que “é grande, intenso e mais forte do que toda razão” (*Disputa*, p.139). Se os amantes soubessem do perigo em que se meteram, do quanto estão encantados e iludidos, do fundamento da esperança que os anima, nunca permaneceriam juntos, e “assim se perderia teu reino, Amor”, adverte Mercúrio (*Disputa*, p.141). E pede, então, a Amor que não quebre a essencial e antiga aliança existente entre ele e Loucura. Ouvidas as duas partes, Júpiter, sem chegar a um veredito, adia o julgamento por três vezes sete vezes nove séculos. Até lá, ordena que os dois litigantes vivam juntos: Amor continua cego e será, por isso, conduzido pela Loucura, por onde ela quiser.

Julgo inócuos quaisquer outros comentários.

<sup>43</sup> SAINT-BEUVE. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*, p.205.

<sup>44</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*, p.31ss.

<sup>45</sup> ERASMO. *Elogio da Loucura*, p.109.

<sup>46</sup> ERASMO. *Elogio da Loucura*, p.5

## Bibliografia citada

- ALBISTUR, Maïté; ARMOGATHE, Daniel. *Histoire du Féminisme Français. Du Moyen Âge à nos Jours*. France: Éditions des Femmes, 1977. Tome I.
- ARAGON, Louis. Plainte pour le quatrième centenaire d'un amour. In: \_\_\_\_\_. *Les yeux d'Elsa*. Paris: Seghers, 1942.
- BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard, 1949.
- BECKETT, Samuel. *Dreams of Fair to Middling Women*. New York, London: Arcade Publishing, Riverrun Press and Calder Publications, 1992.
- BEMBO, Pietro. *Gli Asolani e Le Rime*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torino, sem data.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985. v. 2.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Tradução de Paulo Ronai et al. São Paulo: Edusp, 1996.
- ERASMO. *Elogio da Loucura*. Tradução de Maria E. Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LABÉ, Louise. *Louise Labé: Loucura e Amor*. Tradução de Felipe Fortuna. São Paulo: Siciliano, 1995.
- LAURENS, Pierre. Introduction. In: MARCILE FICIN. *Commentarium in Convivium Platonis, de Amore*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- LA FONTAINE. *Fables, Contes et Nouvelles*. Texte établi et annoté par Edmond Pilon et René Groos. Paris: NRF, Bibliothèque de la Pleiade, 1939.
- FORTUNA, Felipe. Prefácio. In: *Louise Labé: Loucura e Amor*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*. Paris: Gallimard, 1972.
- MONTAIGNE. *Ensaïos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- NIFO, Agostino. *De pulchro et amore (Du beau et de l'amour)*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- PATRIZZI, Francesco. *Lettere ed Opusculi Inediti*. Firenze, 1975.
- RAFFINI, Christine. *Marcilio Ficino, Pietro Bembo, Baltasar Castiglione: Philosophical, Aesthetic, and Political Approach in Renaissance Platonism*. New York: P. Lang, 1998.
- SAINT-BEUVE, Charles Augustin. Louise Labé. In: \_\_\_\_\_. *Les grands écrivains français. XVI Siècles: les Poètes*. Paris: Garnier, 1926.
- SITE: [www2.ac-lyon.fr/enseigne/lettres/louise/](http://www2.ac-lyon.fr/enseigne/lettres/louise/)